

PONTO DE EMERGÊNCIA DO DESEJO DO ANALISTA?¹

Angelina Harari

Gostaria de interrogar o tema do ponto de emergência do desejo do analista a partir de três sonhos que podem ser considerados como sonhos de final de análise.

Da alucinação do desejo à sua verificação

Trata-se de três sonhos relatados a três analistas diferentes, podendo ser, assim, contabilizados. O terceiro sonho, que qualifiquei de sonho de castração há pouco tempo em meu primeiro testemunho, suscitou uma demanda de passe que foi coroada por minha nomeação em dezembro de 2009.

Relatar esse sonho ao terceiro analista permitiu que os dois outros sonhos pudessem emergir de modo a formar uma série.

Portando, posso dizer que essa série de três sonhos está na origem da demanda de passe, pois ela permitiu verificar que, nos dois outros episódios, tratava-se de interrogar se havia ocorrido realmente a emergência do desejo do analista, e eles se revelaram então como falsos pontos de emergência.

O ponto de onde surgiu um raio luminoso que atravessou um centro, versão possível do ponto de emergência, poderia obscurecer nosso olhar e nos levar a alucinar o nascimento de desejo do analista? O raio de luz ou a metáfora do quadro de Botticelli "O nascimento de Vênus", ou ainda a versão da mitologia romana de Vênus emergindo do mar, saindo da água como uma mulher adulta, são metáforas.

Eu me interrogo: nas duas primeiras experiências analíticas, houve uma emergência alucinatória do desejo do

analista? Os analistas interpretaram, a cada vez, os sonhos, mas o terceiro sonho fui eu que interpretei.

Vejamos os dados dos sonhos:

1- Com meu primeiro analista da IPA. A imagem de um avião que decola, cai e afunda no mar. Interpretado como um desejo de morte proveniente de uma rivalidade edipiana relacionada à viagem da mulher de meu amante na época.

2- Sonho durante a análise com o segundo analista, um analista da ECF. Vejo aparecer a palavra "homem". Interpretado como um sonho de desfalicização. O analista me incita a fazer o passe, mas a demanda permanece em suspenso.

3- Com o terceiro analista, tive este sonho no período em que foi nitidamente liberada a particularidade da solução sintomática, encontrada a partir de uma nova aliança do gozo: na Noite do Ano Novo, na entrada de 2009, em que há o costume de se deitar depois da meia-noite, sonhei que eu estava numa reunião do Conselho; sussurrando, eu falava de minha gestão da presidência do Conselho como um fracasso e interpretava a presença de um colega que não fazia parte do Conselho como a presença da morte, pois ele tinha acabado de perder seu pai.

Interrogações técnicas e envelopes de gozo

Como nasce o desejo do analista a partir de uma interpretação proveniente de uma rivalidade edipiana? Como foi o caso da primeira análise. O remédio para a enfatuação, nos diz Jacques-Alain Miller, é o passe. Ele acrescenta que é em relação a isso que Lacan pensará a sua Escola².

A primeira experiência de análise terminou de maneira estandardizada: no final do quarto ano de análise no qual

fiz três sessões semanais, o analista anunciou que faltava um ano para a nossa separação. Após a separação da análise, apresentei-me como analista kleiniana, prevalecida de minha ênfase mais contestadora da IPA, aureolada pelo prestígio de meu analista, discípulo direto de Karl Abraham, segundo a linhagem promulgada por ele, um franco-argentino.

A posição de ênfase marcava uma prática psicoterápica que conduzia a impasses, que eu atribuía à doutrina kleiniana, sem colocar em dúvida o nascimento do desejo do analista resultante dessa análise. Como a técnica se revelava limitada, parti a procura de uma melhor técnica.

O gozo da clandestinidade, ao qual me via submetida, se justificava pela contestação do conservadorismo dos analistas da IPA. Os contestadores eram melhores analistas, eles se apresentavam à altura de sua época, a favor da liberação sexual e de todas as práticas marginais; eu mesma me identificava às minorias segregadas, tanto pela apatia e tristeza particular do exílio forçado como pelo sofrimento do povo eleito nos campos de concentração, chegando assim às diversas formas de ditaduras políticas na América do Sul.

O questionamento da técnica kleiniana me conduziu a Lacan, não sem ter estudado anteriormente as psicoterapias alternativas, indo de Rogers à Lowen, como técnicas acessórias à prática desse tipo de psicanálise de vanguarda.

A normalização do desejo e seu impasse sintomático

Com a primeira análise lacaniana, a orientação para o singular ganhou peso, a entrada em análise se deu, diferentes significantes mestres caíram, a questão

subjetiva surgiu, a clandestinidade não mais se justificou e, portanto, surgiu um impasse em relação à solução sintomática.

A interpretação do sonho com a palavra "homem" como desfalicização confirmou a via da normalização da vida amorosa, como se existisse uma solução para o gozo clandestino, não fazer casal foi a oficialização do gozo, o passe como a solução ao gozo, sem restos sintomáticos.

O desejo do analista foi confirmado pela interpretação do analista, ela legitimou o nascimento de um desejo do analista me incitando ao passe. Era o Outro que me fazia ver as coisas...

A via fantasística de se deixar fazer pelo Outro não se desvelava, pois eu esperava as demandas de meus analistas, curinga da espera, "a carta que substitui qualquer outra", entrando em cena com um olhar sobre o Outro. Deixar-se "espremer como um limão"³, fórmula que deixei escapar como um ponto de satisfação a um dos passadores para explicar o "se deixar fazer".

De uma solução sintomática a um desejo singular

Enfim, o que permitiu o terceiro sonho que qualifico de sonho de castração foi a queda de uma identificação primordial, o lado feminino fálico se desvelava para mim, identificada a um personagem central da história familiar, no momento da terceira análise.

Portanto, fazer casal de modo singular, a cada vez de maneira diferente, o que nas escolhas amorosas consistia em encarnar o objeto para o Outro, formando um casal diferente com *cada um* que me tocava pelas ressonâncias singulares de lalíngua.

Minha solução particular deu certa plasticidade ao gozo, do qual pude, desde então, fazer uso sem

transbordamentos, mas não sem algumas passagens ao vazio e alguns momentos de inibição, enfim sem procurar dominá-lo.

O desejo da singularidade ocupa a cena analítica; ter a flexibilidade necessária para tornar-se causa de desejo do Outro atesta a posição feminina e a do analista na busca da singularidade do outro.

O "fazer casal" é uma modalidade da não-relação sexual no casal, uma maneira de tratar a não-relação sexual sem ser clandestino, mas também sem a tirania da transparência no casal.

Isso tem uma incidência na prática, poder fazer par, ocupar o lugar feminino e é isso o desejo do analista. Um desejo que certamente não nasce de uma vez para todas, mas que também pode não nascer do todo ou ainda nascer de uma maneira alucinatória no desejo de um sujeito histérico que tinha o desejo de ser analista.

Jacques-Alain Miller fez comentários do meu primeiro testemunho e, entre outras coisas, disse: "Você lembrou que a posição do analista é uma posição feminina, e você tem, logo a seguir, isso no bolso. Lacan dizia que, de certa maneira, as mulheres são analistas inatas. Aqui está o curinga, você é o curinga".

Após esse comentário, concluo que se tenho esse desejo no bolso, havia um risco maior de aluciná-lo e mesmo de delirar com a emergência do desejo do analista.

Para isto o passe é um remédio, para se assegurar como nasce o desejo do analista no singular. Depois será preciso preservá-lo inédito, retomando a expressão de Gérard Brosseau no texto "Vers Rennes 2010" publicado em *Point du Jour*, número 6.

Tradução: *Maria Angela Maia*

¹ Testemunho escrito originalmente em francês e apresentado nas Jornadas da ECF em Rennes, julho de 2010.

² Miller, J.-A. *Vie de Lacan*. Curso de Orientação Lacaniana, lição 9, 14 de abril de 2010.

³ No original a expressão "*presser comme un citron*" equivale a ser pressionada, "colocada contra a parede".